

S Y S T E M I Q



ACELERANDO O FINANCIAMENTO PARA UMA

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

NO BRASIL

Sumário Executivo

O Quê

Nosso atual sistema alimentar está falhando. A forma como o mundo produz e consome alimentos globalmente tem levado a impactos catastróficos na saúde humana e do planeta. Os atuais sistemas de alimentação e de uso da terra geram US\$12 trilhões em custos ocultos anualmente no mundo,¹ gerando impactos à saúde pública, ao meio ambiente e à sociedade. E, finalmente, o mundo está começando a perceber esta realidade.

O sistema alimentar está no centro das discussões globais sobre mudanças climáticas, desigualdades sociais e da recuperação econômica da COVID-19. A ONU sediou sua primeira Cúpula de Sistemas Alimentares em setembro de 2021. Grandes corporações, como Pepsi e Walmart, assumiram compromissos com alimentos regenerativos que excluirão produtores não sustentáveis dos principais mercados. Consumidores têm boicotado os alimentos vinculados ao desmatamento, criando uma demanda cada vez maior por produtos sustentáveis.

Para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, os sistemas alimentares globais devem passar por uma transição para se tornarem benéficos para o planeta e para as pessoas. Isso significa criar um sistema alimentar global que estimule o crescimento econômico e alimente uma população em crescimento, ao mesmo tempo que promova dietas nutritivas, melhorando os meios de subsistência e protegendo a natureza: um sistema alimentar que vise a sustentabilidade a longo prazo ao invés de priorizar ganhos de curto prazo, que não semeie desigualdade ou conflito, e que não esgote irreversivelmente os recursos dos quais depende.

O sistema alimentar do Brasil desempenha um papel fundamental para alcançar uma transformação global. As fazendas do Cerrado, da Mata Atlântica e da Amazônia ajudam a colocar o café da manhã nas mesas de pessoas - produzindo metade do suco de laranja e do açúcar do mundo, um terço do café, e os grãos de soja que alimentam as galinhas que põem ovos.² O Brasil também armazena um quarto do carbono mundial e abriga uma em cada dez espécies do planeta.³

Portanto, quando o clima afeta o sistema alimentar do Brasil, seus efeitos não se limitam apenas ao país - mas impactam as economias, temperaturas e dietas do mundo. Apenas neste ano, 1,5 milhões de km² de lavouras no Brasil - uma área do tamanho do Peru - foram queimadas e congeladas pela pior seca do século, que antecedeu uma geada sem precedentes. O custo dos grãos arábica aumentou 30% em seis dias, o suco de laranja subiu 20% em três semanas e os preços do açúcar atingiram a maior alta em quatro anos, contribuindo para um aumento nos preços globais dos alimentos e gerando dificuldades para muitas famílias de baixa renda.⁴

Isso coloca o Brasil em um momento crítico. O setor de agronegócios do Brasil desempenhou um papel fundamental no crescimento da economia do país, de US\$500 bilhões em 2002 para US\$1,9 trilhão em 2019.⁵ No entanto, para que esse sucesso econômico continue, o Brasil deve transformar seu sistema alimentar em um que seja benéfico para a natureza e para as pessoas, além de resiliente. Este relatório prova que tal transformação no país é possível, mas resta pouco tempo.

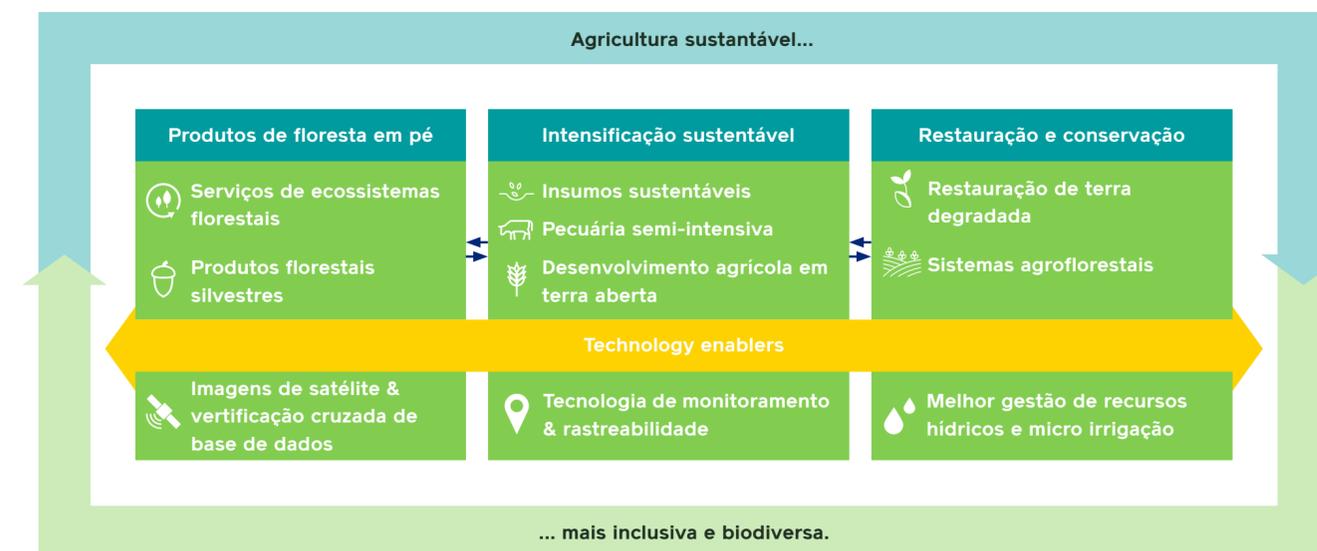
O Porquê

Ao fazer a transição de seu sistema alimentar, o Brasil pode reduzir os US\$300 bilhões em custos ocultos incorridos anualmente. Esses custos ocultos atuais resultam em grande parte dos (i) danos ambientais, como emissões de gases de efeito estufa, perda de biodiversidade e escassez de água, (ii) custos de saúde pública devido a obesidade, subnutrição e poluição, (iii) e impactos sociais, como pobreza rural, desperdício de alimentos e resíduos de fertilizantes.

A transição também deve gerar US\$70 bilhões em novas oportunidades de negócios por ano, mais de três vezes a necessidade de investimento de US\$21 bilhões, criando 8 milhões de novos empregos até 2030. Todos os *stakeholders* poderão beneficiar-se de um sistema alimentar sustentável. No setor da produção, a transição levará a (i) lucros de longo prazo, (ii) riscos reduzidos devido a diversas fontes de renda e (iii) ao aumento da segurança alimentar. No setor de investimento, a transição irá (i) reduzir os riscos de reputação e acomodar as preferências do consumidor, (ii) evitar riscos de transição devido a mudanças regulatórias e (iii) reduzir a exposição a riscos relacionados à natureza, como secas, incêndios e geadas. No setor público, a transição irá (i) aliviar a pressão sobre os gastos públicos para mitigar custos ocultos, (ii) aumentar as receitas fiscais e (iii) melhorar a inclusão social através da criação de meios de subsistência alternativos na fronteira florestal.

Como

As finanças são a chave para mobilizar US\$21 bilhões por ano para financiar oito modelos de negócios benéficos para a natureza, necessários para tal transformação.⁶ O relatório divide estes modelos de negócios entre aqueles que criam valor com (i) produtos de floresta em pé, (ii) intensificação sustentável, (iii) restauração e conservação e (iv) alavancas tecnológicas que aumentam a produtividade e geram economias. O escopo deste relatório centra-se em modelos de negócios focados na produção e, portanto, esta lista de oportunidades não é exaustiva.



No entanto, ao fazer a transição para modelos benéficos para a natureza, produtores enfrentam lacunas de conhecimento, modelos de negócio novos e mercados imaturos, bem como altos custos de capital. Maximizar a produção agrícola evitando desmatamento adicional, pode requer um aumento de até 50% em equipamentos agrícolas para preparar a terra,⁷ além de assistência técnica para aprender como usá-los. Também implica renunciar a ganhos de receita de curto prazo, enquanto o novo negócio sustentável amadurece, ganha escala, os produtos entram em novos mercados e obtém lucro.

Produtores podem superar essas barreiras através da capacitação prática, da criação de cooperativas para ganhar escala, parcerias com agentes de acesso ao mercado e capital paciente. A capacitação pode ajudar agricultores a preencherem lacunas de conhecimento, proporcionando oportunidades para 'aprenderem fazendo' em unidades de demonstração. As cooperativas podem fornecer suporte logístico, processar seus produtos e comercializá-los nos mercados doméstico e internacional afim de ganhar escala. As cooperativas apresentaram alguns dos melhores desempenhos de crescimento durante a pandemia de COVID-19, e exerceram um papel significativo conectando agricultores familiares de áreas rurais com a economia de mercado. Parcerias com agentes da cadeia - como cooperativas e compradores (*off-takers*) - podem aumentar a exposição ao mercado e a diferenciação do produto, permitindo que os produtores vendam com valor agregado e obtenham lucros maiores. Mas nada disso é possível sem acesso ao capital paciente, que oferece horizontes de prazos mais longos, flexibilidade nos pagamentos e maior tolerância ao risco.

Investidores em transição têm dificuldade em avaliar o risco de negócios de agricultura regenerativa, carecem de projetos prontos para investimentos, têm incentivos desalinhados e não integram o risco climático em suas decisões. Atualmente, os empréstimos são concedidos com prazos curtos, com base no ciclo tradicional de monocultura. As linhas de créditos não são adaptadas aos modelos de agricultura regenerativa, cujos ciclos de maturidade são variáveis, e portanto, possuem um perfil de risco e de fluxo de caixa mais difícil de avaliar. Isso é agravado pela falta de projetos propícios para investimento, e por incentivos que priorizam lucros a curto prazo que vão na contramão da sustentabilidade a longo prazo. Esse desalinhamento ocorre porque credores ignoram as ameaças relativas as mudanças climáticas às quais estão expostos.

Para diminuir o risco de investimento, financiadores precisam alavancar o capital catalítico, criar ferramentas inovadoras para ajudar os produtores a crescer, promover a precificação da sustentabilidade para mudar os incentivos de curto prazo, e a divulgação de riscos no setor. Os mecanismos de financiamento para redução de riscos, tais como linhas de financiamento combinadas com opções de garantias de crédito, podem melhorar o perfil de risco de empresas em fase inicial. Instrumentos financeiros inovadores, como seguro climático, títulos verdes, e de sustentabilidade podem ajudar a construir projetos mais atraentes para investidores institucionais. Por sua vez, os projetos prontos para investimento facilitam o *benchmarking* e a precificação da sustentabilidade após uma avaliação rigorosa ESG. Além disso, uma vez que os riscos de sustentabilidade são avaliados e os retornos precificados, os financiadores terão mais incentivos para divulgar seus riscos de carteira ao mercado. E se divulgação se torna norma no setor, qualquer desvio será percebido como estratégia para esconder informação, eventualmente punida pelo mercado.

Por fim, o setor público não incentiva suficientemente os agentes do sistema alimentar a mudarem suas práticas. Pelo contrário, a posse da terra, que serve como garantia para o acesso ao capital, é problemática, já que grileiros não são penalizados e registros de propriedade de terras não estão integrados. O Código Florestal, principal instrumento legal para regular o uso da terra em áreas rurais privadas, não é totalmente

aplicado e os empréstimos públicos não são adequados para investimentos sustentáveis. Além disso, os modelos sustentáveis não obtêm suficiente crédito rural, e mesmo quando existem, os agricultores em transição têm dificuldade para acessá-los. Esses desincentivos resultam na produção dispersa e de pequena escala.

Para criar um ambiente favorável e atrair capital privado, o setor precisa trazer de volta a fiscalização, fortalecer as penalidades por não cumprimento, tornar empréstimos públicos acessíveis e estimular a economia de escala. Isso deve incluir o fortalecimento da autonomia e do financiamento de entidades fiscalizadoras, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), ou a aplicação de penalidades por desmatamento ilegal - penalidades que fizeram diferença no passado, quando foram implementadas. Uma fiscalização mais rigorosa e a garantia fundiária fornecem a segurança necessária para o investimento. Complementarmente, com a redução da burocracia para acessar linhas de crédito, expansão das linhas de créditos públicas para modelos como sistemas agroflorestais e capacitação de agentes de crédito rural podem tornar os empréstimos públicos mais acessíveis e adequados à sustentabilidade. Com esses fatores em vigor, as autoridades públicas podem fornecer incentivos e usar seu poder de convocação para criar corredores e clusters de investimentos verdes.



Quem

Este relatório destaca oito ações prioritárias para os *stakeholders* do setor alimentício brasileiro:

- **Para fundações familiares/corporativas, filantropos e a comunidade de doadores:** Fornecer melhores estratégias de redução de riscos para desenvolver projetos em estágio inicial e apoiar modelos de negócios em expansão.
- **Para instituições financeiras de desenvolvimento (IFDs) e veículos financiados por doadores:** Canalizar capital de longo prazo, que seja tolerante a riscos, concessionário e flexível, para mobilizar capital privado em escala.
- **Para tomadores de decisões econômicas, bancos públicos e bancos privados internacionais:** Acelerar o fornecimento de crédito verde público e privado na ponta, simplificando os seus requerimentos e reduzindo as lacunas de conhecimento por meio de agentes comerciais que avaliam melhor os riscos dos produtores locais.
- **Para empresas de processamento, distribuição, comércio e atacado de alimentos, credores correspondentes e ONGs ambientalistas:** Fortalecer colaborações setoriais pré-competitivas para construir coalizões que permitam criar certificações reconhecidas, compartilhar informações e realizar pesquisas de mercado para aumentar as oportunidades de negócios com mais rapidez.
- **Para coalizões corporativas, governos, fundos climáticos e ONGs ambientalistas:** Ajudar a melhorar a integridade dos mercados de carbono por meio de contratos de compra garantida (acordos de *offtake*), padronizar certificados reconhecidos internacionalmente e criar unidades de desenvolvimento de projetos de forma que as receitas de crédito possam ser recicladas.
- **Para chefes de unidades de sustentabilidade, laboratórios de inovação do governo, empreendedores no acesso ao mercado e *fintechs*:** Apoiar agentes da cadeia como cooperativas e *trading* que podem transferir pacotes de tecnologia e desbloquear créditos de forma mais eficiente.
- **Para agricultores e produtores:** Criar ou associar-se a cooperativas, grupos de produtores ou associações que possam desenvolver capacidades e aumentar o poder de barganha coletiva para ter acesso a melhores créditos, mercados e assistência técnica.
- **Para o governo federal e os governos estaduais, institutos de terras estaduais e cartórios de registros de terras:** Habilitar e aplicar políticas públicas para garantir a aplicação dos direitos à terra, principalmente para comunidades tradicionais presentes nas fronteiras florestais.

3



Quando

O Brasil precisa começar a transição de seu sistema alimentar hoje - antes que seja tarde demais.

Modelos de negócios, capital financeiro e instrumentos de políticas públicas que criam anualmente US\$70 bilhões em oportunidades já existem, e os US\$300 bilhões de custos ocultos só irão aumentar. Dada a atenção internacional que o país está atraindo e a crescente preocupação de agentes nacionais com mudanças climáticas, do agronegócio aos povos indígenas, não haverá melhor momento para iniciar uma transição. Acelerar o investimento na fronteira florestal pode criar polos de crescimento sustentável para o agronegócio enquanto protege os meios de subsistência das comunidades tradicionais, mudando radicalmente a forma como os alimentos são produzidos - e financiados. O Brasil pode se tornar um pioneiro, abrindo caminho para que outros países façam o mesmo. Os 'pulmões do planeta' e a biodiversidade global estão em jogo.

“O ponto de inflexão é aqui, é agora.”

- Carlos Nobre, PhD em Meteorologia pelo MIT